

**FUNDAÇÃO UNIVESIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE UNIDADE DE JARDIM-MS  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS**

**HETIENY CRISLAINE DOS SANTOS BORGES**

**HISTÓRIA E ESTÓRIAS: A POÉTICA DA LENDA DO  
SINHOZINHO, EM BONITO-MS.**

**Jardim – MS**

**2018**

HETIENY CRISLAINE DOS SANTOS BORGES

**HISTÓRIA E ESTÓRIAS: A POÉTICA DA LENDA DO  
SINHOZINHO, EM BONITO-MS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim - MS, como pré requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras- inglês.

Orientador: Prof. Dr. PAULO BENITES DE MORAES

**Jardim – MS**

**2018**

HETIENY CRISLAINE DOS SANTOS BORGES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS

**HISTÓRIA E ESTÓRIAS: A POÉTICA DA LENDA DO  
SINHOZINHO, EM BONITO-MS.**

---

Orientador: Prof. Dr. PAULO EDUARDO BENITES DE MORAES

**APROVADO EM:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adélia M. E. de Azevedo

UEMS/Jardim

---

Prof.Dr. Josemar de Campos Maciel

UCDB/Campo Grande

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, força, sabedoria para enfrentar os obstáculos, durante esses quatro anos.

Agradeço ao meu orientador por ter acreditado e confiado no meu potencial de realizar este trabalho, pela dedicação e paciência no transcorrer desta monografia. Agradeço a Professora Dr<sup>a</sup> Maria Idelma Vieira D'abbadia e Layanna Sthefanny do Camo pela colaboração com as entrevistas.

Por fim minha gratidão a todas as pessoas que fizeram parte direta ou indiretamente desta caminhada.

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

### **ENTREVISTAS**

P = Pesquisador

E = Entrevistado

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado “História e Estórias: a Poética da Lenda do Sinhozinho, em Bonito-MS” contextualiza-se a partir da história de “Sinhozinho”, um beato e figura mística incorporada à história e ao folclore da cidade de Bonito, por volta do ano de 1944, considerado um homem misterioso e santo por seus seguidores, pois o mesmo era tido como curandeiro e realizador de milagres. O objetivo desse trabalho é estudar, apresentar e descrever a *Lenda do sinhozinho*. Para tanto, o trabalho recolheu entrevistas inéditas com moradores da região que têm informações relevantes sobre a Lenda afim de, por meio das informações narradas, apresentar e descrever a Lenda. Como discussão teórica, a pesquisa intenta abordar a narrativa à luz da tradição da literatura oral e mostrar como esta estória deve ser integrada ao cânone da Literatura Sul-mato-grossense. Utiliza-se como fundamentação teórica os trabalhos de Paul Zumthor, para as discussões sobre a relação entre os contos orais e a tradição literária, bem como a perspectiva da teoria da narrativa desde Vadimir Propp, Walter Benjamin, até T. Todorov. A hipótese é baseada na identificação de como a oralidade possibilita o desenvolvimento da lenda a qual se mantém viva até os dias atuais. Noutro giro, o problema deste trabalho concentra-se em identificar como as narrativas de cunho popular e tradicional farão frente aos problemas atuais da cidade de Bonito, e se essa oralidade irá se manter.

**Palavras-chave:** Bonito; Cultura; Lenda; Literatura Oral; Sinhozinho;

## ABSTRACT

This work of Conclusion of Course titled "History and Stories: the Poetics of the legend of the sinhozinho, in Bonito-MS" aims to study, present and describe the Legend of the sinhozinho and is justified in its theoretical foundation in the attempt to perform an analysis and research on the rescue of the culture of Bonito of the State of Mato Grosso do Sul. It is contextualized from the work of "Sinhozinho" that is a blessed and mystical figure incorporated into the history and folklore of the city of Bonito that considers important a man mysterious and holy by his followers around the year 1944, for he was a healer and miracle worker. The hypothesis is based on the identification of how orality allows the development of the legend that remains alive until the present day. In another twist, the problem of this work is focused on identifying how the popular and traditional narratives will face the current problems of the city of Bonito, and whether orality will be maintained and finally the methodology of bibliographic revision is used, making a qualitative analysis.

**Keywords:** Stories; Stories; Sinhozinho; Pretty; Culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>11</b>
<b>CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: Literatura e Oralidade .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 A LENDA DO SINHOZINHO: APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>25</b>
<b>2.3 SINHOZINHO COMO FICÇÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>51</b>



## INTRODUÇÃO

O presente texto tem por finalidade propor um estudo da *Lenda do Sinhozinho*, levando em conta a importância dessa história para a literatura e a cultura sul-mato-grossense. Interessa para a presente pesquisa analisar o modo a lenda, no curso de seu projeto, é vista como uma narrativa que recebe, assimila e ressignifica a o imaginário coletivo até chegar à constituição de uma *lógica narrativa possível*, como previsto pelo estruturalista Claude Bremond.

Inúmeros são os trabalhos que apresentam as lendas no seu teor de ficção, como narrativas importantes para a própria manutenção social, tendo em vista que a mesma possui fortuna social e instrumentalidade cultural.

Buscou-se, dentre muitos outros pesquisadores que se dedicam aos estudos folclórico de lendas, causos e mitos, os estudos de Câmara Cascudo em sua obra *A Literatura oral no Brasil* (1984), além disso os estudos de Paul Zumthor debatendo a questão da *literatura medieval* e como esta se funda na contação oral de histórias.

Nesta pesquisa, o autor Zumthor explica a questão da narração de histórias que eram contadas por profissionais ou em manifestações populares, e identifica que o ato de narrar as histórias surgiu antes da linguagem escrita como uma forma de comunicação, interação social e a conservação dos costumes.

Tomando como ponto de partida a pesquisa de Zumthor, que explica que as histórias ou narrativas foram compartilhadas em todas as culturas como um meio de entreter, educar, manter a cultura ou instilar um sistema de valores morais, e passando pelas considerações feitas ao longo dessa pesquisa, notou-se diversas terminologias importantes no que se refere às formações do gêneros orais de literatura. Destacamos, em especial, as utilizadas como ponto central do trabalho e que geram o embate em torno da história do Sinhozinho, são elas: os causos e lendas.

Nesse sentido, a pesquisa toma as lendas como narrativas que compreendem o fazer literário tal qual uma maneira de criar novas possibilidades de sentidos para a realidade, servindo-se da linguagem como forma de expressão criadora. Nessa perspectiva, as discussões recobrem

ideias de como a *Lenda do Sinhozinho* estabelece influências na cultura da cidade de Bonito, sua tradição e valorização.

Outra questão importante a ser destacada é o quanto a história do Sinhozinho, ora tratada como Lenda, ora como história/estória, pode também ser pensada à luz da poética do causos, como pensada por Ricardo Pieretti Câmara (2012).

Para tentar buscar maneiras de apresentar as discussões teóricas que contribuíram para pensar o *corpus* em questão, o primeiro capítulo do trabalho percorre as origens da narrativa, com especial atenção para a formação da literatura oral, e com esta ainda se apresenta em nossa sociedade.

O segundo capítulo, a partir da revisão bibliográfica proposta no primeiro capítulo, faz a descrição do *corpus* selecionado. Para tanto, foram utilizadas entrevistas com moradores da cidade de Bonito que descrevem, em 4 versões, *A Lenda do Sinhozinho*.

Além da descrição da história, o trabalho discute como a Lenda pode ser compreendida como pertencente à tradição teórica da narrativa vinculada às questões formais e estruturalistas da tradição oral, tendo em vista o seu conhecimento simbólico presente com base na leitura das entrevistas e na sua interpretação. Compreendemos, assim, *A lenda do Sinhozinho* como uma história literária surgida em um contexto narrativo, tendo em vista que o modo que fora apresentada nos remete a uma natureza ficcional, proposta e aplicada na cultura da cidade de Bonito, do Estado de Mato Grosso do Sul, e que pode ganhar forte expressão e conhecimento literário.

# CAPÍTULO I

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: Literatura e Oralidade

As histórias ou narrativas foram compartilhadas em todas as culturas como um meio de entreter, educar, manter a cultura ou instalar um sistema de valores morais. Os elementos essenciais no ato de contar histórias são: enredo, personagens e ponto de vista narrativo. A narração de histórias pessoais tem a ver com a tradição oral, é o ato de transmitir histórias por meio do uso de palavras, geralmente usando improvisos e diferentes adornos estilísticos.

Paul Zumthor (1993) estudou a narração de histórias que eram contadas por profissionais ou em manifestações populares, e identificou que geralmente os contadores recorrem a temas ligados ao cotidiano da vida no interior. De acordo com o autor, o ato narrar as histórias surgiu antes mesmo antes da criação da palavra escrita como uma forma de comunicação, interação social e a conservação dos costumes. Reforçando a ideia, para Bajard (2005, p. 13), “o Homo sapiens é um primata que conta histórias”. A contação oral de histórias se transformou em um ritual para as populações antigas.

Na Antiguidade surgiram as figuras dos menestréis e poetas, escritores respeitados pela população e depositários do pensamento e das tradições locais. Sobre eles relata Vernant (2002, p. 201):

[...] escritores que dispõem um estatuto muito distintos daquele de nossos poetas, poetas que exercem na sociedade um papel fundamental; o aedo motivado é, de certa forma, a pensamento coletiva do grupo, ele é, ao mesmo tempo o “livro”, no qual está reunido todo o saber que constitui o cimento social do grupo, e conta histórias – e todos sabem que está contando histórias!

Os causos e as lendas contam histórias regionais utilizando, por exemplo, de feras, seres sobrenaturais, heróis corajosos com base no estudo de Zumthor (1997) que trata sobre o heroísmo no qual designa-se ao maravilhoso suscitado na comunidade humana pelo reconhecimento do seu poder de agir.

Na Idade Média, surgiram os jograis, trovadores e menestréis, todos profissionais que aliavam poesia às canções, tudo era guardado mentalmente e apontava o valor social dado à atividade de narrar histórias. Simultaneamente, os trabalhadores locais, também criavam, em suas casas, histórias narrativas de fatos baseados em suas experiências rotineiras, dando-lhes sentido.

Conforme Benjamin (1994), dois tipos básicos de contadores de histórias orais que são aqueles que vêm de longe e contam suas aventuras (personificados na figura do marinheiro viajante) e aqueles que ficam em casa e contam sobre os eventos ali (representados pelo fazendeiro estacionário). A segunda característica do contador de histórias é uma orientação para interesses práticos; todas as histórias contêm algo útil, argumenta Benjamin, se essa informação útil é óbvia e superficial ou se está incorporada na narrativa de alguma forma.

Assim, as histórias não derivam narrativas ociosas ou mesmo da necessidade de recontar experiências interessantes, mas, antes, provêm de uma necessidade humana básica de contar exemplos da vida real de tentar lidar com o mistério da realidade humana.

A influência da tradição oral foi muito maior durante a Idade Média. Conforme Darnton (2001, p. 31), “do século XII ao XV os pregadores medievais utilizavam elementos da tradição oral para demonstrar argumentos morais”. A literatura também se serviu dessa produção popular:

Apesar dos mistérios que rodeiam as fontes dos romances de cavalaria, as canções de gesta e os fabulistas entendem, em sua maioria, que boa parte da literatura medieval bebeu da tradição oral popular, e não o contrário. (DARNTON. 2001, p. 31).

Os causos tradicionais, hoje presentes em muitas obras escritas, são uma indicação das mudanças proveniente da comunicação oral e das adaptações feitas pelos compiladores.

Quando se fala da essência contida em narrativas populares depreende-se que os causos são modelos fundamentais para compor o processo de identidade de uma cultura dentro de uma determinada sociedade. Consoante isto, é necessário a exploração dos recursos narrativos dispostos na oralidade, os quais irão servir de fonte para orientar a escrita tornando as

experiências mais dramáticas e impactantes, e isto fomenta uma relação lúdica do leitor para com a obra literária.

Em um outro contexto, porém seguindo a mesma vertente descreve Zumthor (1997), que o ato de se expressar através da voz não é espontâneo, pois através dele abre-se a mente através do que se ouve

“A respiração age sobre a percepção. Cria, no corpo, uma tendência fisicamente mais perceptiva, muscularmente mais suscetível, o som que, em sua produção, contém um corpo, é mais enraizado nas emoções e soa diferente, tem outra textura” (ZUMTHOR, 1997, P. 23)

Segundo Darnton (2001, p. 78) os causos “diziam aos camponeses como era o mundo; e ofereciam uma estratégia para enfrentá-lo”. Assim, observa-se que o autor proporciona ao causo determinada razão e significado que se constitui em uma maneira de expressão o qual a transmissão do desenvolvimento de costumes, resgatando assim hábitos locais.

E ainda, o autor ensina que a cultura dos franceses utiliza-se dos causos para demonstrar que estes estavam preparados para enfrentar os problemas frente a seus inimigos e cita-se assim o que segue: “a velhacaria sempre joga o pequeno contra o grande, o pobre contra o rico, o desprivilegiado contra o poderoso” (DARNTON, 2001, p.82). Considera-se então que os causos representavam uma declaração de insatisfação do povo.

O entendimento de *performance* estudado por Zumthor com as obras de “A letra e a voz” (1993), “Tradição e esquecimento” (1997) e “. Performance, recepção, leitura” (2000), utiliza a ideia de *interpretação* para demonstrar que na literatura oral existe a presença da figura corporal.

De acordo com esse autor, na Idade Média, uma obra seria impensável sem a voz, sem a *performance*, por meio da qual se estabelece um contato efetivo entre o intérprete e os espectadores, que ao final explica que “a performance está no presente do indivíduo sendo impossível vislumbrar o passado” (ZUMTHOR, 1997, p. 61).

É a própria criação do efêmero. “(...) performance designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata.” (ZUMTHOR, 2000, p.59)

A maneira de se contar as histórias nas comunidades rurais ainda hoje é feita como uma atividade de interação, feita de forma coletiva, as narrativas acabam sendo um documento, uma espécie de parâmetro, versões de histórias recolhidas por diferentes pessoas e critérios, em diferentes lugares e épocas. Várias dessas narrativas são contadas ainda hoje só que de outra forma, pois a cultura popular, está sempre em processo de diversificação, como afirma Azevedo:

[...] tradições populares, para as quais a arte costuma ser essencialmente a expressão de um determinado grupo. Pessoas de uma pequena comunidade rural recontam (e recriam) e saboreiam juntas, contador e platéia, histórias que ouviram de seus antepassados. Revivem (e reinventam) juntas, periodicamente, suas festas e ritos. Cantam, dançam e improvisam versos e canções que, ao mesmo tempo, ressaltam as perplexidades do grupo, emocionam e divertem. No costume do povo, as fronteiras entre palco e plateia, o artista e o público, a criação e a recepção, são bem menores. Tudo é produzido para ser compartilhado e vivenciado por todos. (AZEVEDO, 2002, p. 10)

Azevedo (2002, p.10) também explica que o estudo de histórias tradicionais, como causos e lendas, é narrativas direcionadas para pessoas de todas as idades.

No mesmo pensamento, Zumthor (1993 a 2000) demonstra que as histórias servem como uma ficção, não somente de costumes e pontos de vista de determinadas comunidades, essas histórias místicas sobrevivem ao tempo, contadas por contadores ou menestrelis, para um grupo de pessoas ou comunidades inteiras, e quando aconteciam, era um momento de celebração, um acontecimento.

Cascudo (1978, p. 34) conta que as mulheres eram responsabilizadas pela continuidade da tradição de contação de causos pela permanência dos causos e outras histórias da tradição oral:

As mulheres possuem o arquivo mental em desenvolvida extensão. [...] Porque são as narradoras de estórias para os filhos e netos, exercitam-se com vantagem, talvez seja uma razão lógica, como crê Paul Sébillot. A maioria absoluta dos causos populares, constituindo as coleções famosas [...] foram participações femininas [...] (CASCUDO, 1978, p. 34).

Já Zumthor (1993, p. 18) propõe uma distinção entre três tipos de oralidade:

1) a primária, que não comporta nenhum contato com a escritura; 2) a mista, quando a influência do escrito permanece parcial e atrasada; e,

por fim, 3) a segunda, quando se recompõe com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário.

Como já foi dito, contar histórias era uma prática que se dava após o trabalho do dia, em volta do fogo, sempre à noite. Cascudo (1978, p. 235) informa que no Brasil, assim como em vários lugares do mundo, havia uma interdição segundo a qual incorria em castigo aquele que contasse histórias durante o dia: “Quem conta estórias de dia cria rabo”.

O causo significa a realização simbólica de um desejo, o contador domina a plateia como se fosse um caçador abatendo sua presa, “vem daí o prazer em contar, prazer de dominação, associado ao sentimento de pegar aquele que escuta na sua armadilha” (ZUMTHOR, 1997, p. 55).

Na concepção de vocalidade poética de Lopes (1997), inspirada em Zumthor, a voz não é um ato fisiológico mecânico, pois abrem-se com ela os canais sensoriais:

A respiração age sobre a percepção. Cria, no corpo, uma tendência fisicamente mais perceptiva, muscularmente mais suscetível). Assumir na voz um texto não é reproduzi-lo, mas percebê-lo sensorialmente: o som que, em sua produção, contém um corpo, é mais enraizado nas emoções e soa diferente, tem outra textura. (LOPES. 1997, pp, 25-28).

Nesse sentido, os causos demonstram o reconhecimento da injustiça e a insatisfação popular e se constituem numa resistência ou em táticas, como mostra De Certeau (1994, p. 25). A noção de performance aqui utilizada está pautada nos estudos de Paul Zumthor (1993, 1997 e 2000). Ele utiliza o conceito de performance para explicitar a presença do corpo na literatura oral. Segundo esse autor, na Idade Média, uma obra seria impensável sem a voz, sem a performance, por meio da qual se estabelece um contato afetivo entre o intérprete e os espectadores:

A maneira como a contação de histórias funciona nas comunidades tradicionais, ligadas ao conjunto das práticas, como atividade coletiva, é mostrada nas palavras de Azevedo:

[...] tradições populares, para as quais a arte costuma ser essencialmente a expressão de um determinado grupo. Pessoas de uma pequena comunidade rural recontam (e recriam) e saboreiam juntas, contador e plateia, histórias que ouviram de seus

antepassados. Revivem (e reinventam) juntas, periodicamente, suas festas e ritos. Cantam, dançam e improvisam versos e canções que, ao mesmo tempo, ressaltam as perplexidades do grupo, emocionam e divertem. No costume do povo, as fronteiras entre palco e plateia, o artista e o público, a criação e a recepção, são bem menores. Tudo é produzido para ser compartilhado e vivenciado por todos. (AZEVEDO, 2002, p.10).

Ainda de acordo com Azevedo:

O estudo dos contos tradicionais, essas narrativas são dirigidas a todas as pessoas, independentemente de faixas etárias, pelo menos se levarmos em consideração as pesquisas de Paul Zumthor, demonstra que o mesmo representa um verdadeiro depósito do imaginário, das tradições e da visão de mundo oriundos de um certo "espírito popular", estando enraizados em antiquíssimas narrativas míticas. Além disso, sobreviveram ao longo dos séculos através da transmissão oral feita por contadores de histórias, num tempo, nunca é demais frisar, em que a vida comunitária e coletiva era intensa em oposição à vida privada e dos interesses individuais.

Além da unidade promovida e celebrada nos momentos de contação de histórias, Cascudo (1978, p. 34), que passou a vida recolhendo causos e lendas tradicionais no Brasil, aponta os objetivos implícitos na atividade de contar:

A finalidade não é distrair ou provocar sono às crianças, mas ensinar, pondo ao alcance da mentalidade infantil e popular, por meio de apólogos, historietas rápidas, um leque de ensinamentos religiosos e sociais que rege à organização do grupo.

Segundo Cascudo (1978, p. 168), as mulheres foram as responsáveis pela permanência dos causos e outras histórias da tradição oral:

As mulheres possuem capacidade mental mais desenvolvida pra memorizar as histórias. [...] Porque são as narradoras de estórias para os filhos e netos, exercitam a memória, talvez seja uma razão lógica, como crê Paul Zumthor. A maioria absoluta dos causos populares constitui coleções famosas [...] existe a participação femininas [...].

Já Zumthor (1993, p.18) propõe uma distinção entre três tipos de oralidade: i) a primária, que não comporta nenhum contato com a escritura; ii) a mista, "quando a influência da escrita permanece parcial e atrasada"; e, por fim, iii) a segunda, "quando se recompõe com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário".

Na prática comum, Cascudo (1978) viu a valor da voz: "A voz atinge as sucessivas etapas, transformação de timbre mostrando a diversidade do



conjunto, fica intensa, forte, doce, langue, rouca [...]" destacando os seres. "Não só a narrativa é auxiliada pelos gestos, movimentos de corpo, andar, alteração de movimentos, como pelos recursos sonoros da voz [...]". Nos causos populares:

Não há por menor dispensável nem a paisagem demora a narrativa. Vive exclusivamente a ação na plenitude da intensidade dramática. [...] No discorrer do enredo raramente se abandona o principal pelo acessório [...]. Segue a estória em linha reta, ação por ação, uma verdadeira gesta. (CASCUDO, 1978, p. 247)

Sobre a forma aplicada pelos contadores de histórias, observa-se que existe grande distinção em se tratando de grupos populares e de contadores profissionais.

De início, todo contador tem um estilo único, um método para criar harmonia com a público, como mostrou Patrini (2005). Para os contadores profissionais ou amadores contam com referência em literatura e cursos que desenvolvem a expressão vocal, corporal, definição dos causos, uso ou não de adornos, contato com o público, etc., enquanto que no meio tradicional de contação de histórias, a separação entre contador e público é bem mínimo ou mesmo nenhuma. Sobre isso, Cascudo (1978, p. 34) define:

Quem assistiu à audição de uma estória, entre pescadores numa praia ou sertanejos numa fazenda, poderá medir o grau de solidariedade coletiva com o desenvolvimento do assunto. O interesse se expressa pela participação crítica e apreciação espontânea da matéria quanto a moralidade, gratidão, ingratidão, inveja, calúnia, traição, mentira. Ouve-se uma sugestão para o castigo do vilão, a crítica impiedosa às moças cuja vaidade as fez malvadas.

O que o autor expõe é o que no meio tradicional, o que acontece geralmente é a interação do público, que se tornam um co-autor direto da história. Já nos meios em que tem espaço a contação profissional, dificilmente o contador dita esse fala diretamente ao longo de a narração (PATRINI,2005), deixando-o para o fim, quando terminar a história. Desse modo, alguns escritores mostram suas ideias de "como trabalhar com as interrupções", levando em consideração que não deveria haver interrupções (SILVA,2004; BUSATTO, 2004). De acordo com Machado (2004, p.81) o público interfere para interagir com a história e enfatiza

O contador não pode esperar "silêncio absoluto", nem desejar "contar a história até o fim", do jeito que a elaborou "custe o que custar". O contador deve estar preparado para lidar com os imprevistos e trabalhar com o surgir enquanto estiver narrando e usar isso a seu favor.

Benjamim (1994) acredita que aos poucos esta arte está acabando devido aos avanços tecnológicos dos meios de comunicação principalmente a internet e globalização estão fazendo com que contadores tradicionais desapareçam.

Lopes (1997), inspirada por Zumthor, afirma que a voz não é um um gesto automático, pois através dela abrem-se canais sensoriais: "A respiração age sobre a percepção. Cria, no corpo, uma tendência fisicamente mais perceptiva, muscularmente mais suscetível" (LOPES, 1997, p. 25). Assumir na voz um texto não é reproduzi-lo, mas percebê-lo sensorialmente: "o som que, em sua produção, contém um corpo, é mais enraizado nas emoções e soa diferente, tem outra textura" (LOPES, 1997, p. 28).

Ao mesmo tempo, Machado (2004, p. 14), acredita que a prática profissional de contadores de histórias tem aumentado no Brasil e no âmbito mundial assim como a busca do público que quer escutar histórias. Assim sendo é possível entender a importância do contar e ouvir histórias, como sendo uma clara necessidade humana, ainda que abalada pelos fatos, não pode ser esquecida. Bosi (1998, p.85) acredita que "a contação correta está sendo trocada pela informação impressa, que não é analisada racionalmente pelo leitor" e confronta os dominios da informação com o meio da narração, o autor conclui que:

A informação pretende ser diferente das narrações dos antigos: mostrando uma verdade tão inverificável quanto a lenda. Ela não foca no maravilhoso, se quer plausível. A arte da narração está decaindo com as facilidades da informação. Cheia de explicações, não permite que o receptor tire dela alguma lição. Os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade, daí o narrado possui uma amplitude de vibrações que falta à informação. (BOSI, 1998 p. 86).

Geralmente o que se lê tem muitas explicações o leitor não tem como tirar e nem expressar suas próprias conclusões e nem formular perguntas sobre determinados assuntos, tudo já vem respondido sem que nenhuma pergunta seja feita e acaba ficando sem sentido A autora fala o que acredita ser a resposta da super exposição à informação:

O receptor da comunicação de massa é um ser distraído. Comporta um excesso de informações que satisfaz sua necessidade de conhecer, crescem sem nutrir, pois não há uma lenta mastigação e assimilação. (BOSI, 1998, p. 87)

Porém existem ainda sinais desse costume antigo de contar histórias, da forma tradicional, seja no interior de algumas famílias, cujos componentes cresceram escutando causos de seus pais e avós, seja em comunidades espalhados pelo interior do Brasil. Patrini (2005, p. 60) garante que "apesar das inúmeras possibilidades ofertadas por uma sociedade pós moderna, o homem tem necessidade de manter viva a oralidade".

Segundo à forma de contar histórias além das comunidades tradicionais, hoje crescem os cursos ofertados, especialmente nos grandes centros, demonstrando a tese proposta por diferentes autores (BUSATTO,2004; MACHADO, 2004; SILVA, 2004; PATRINI, 2005, COELHO, 2003; CARDOSO, 2000), de acordo com a necessidade de escutar histórias como uma característica própria do ser humano, esses autores possuem métodos que podem ajudar os interessados em começar essa prática seja na escola ou em comunidades e grupos familiares.

Existem contadores que usam vários artifícios cênicos, como fantoches, adereços e outros materiais. Segundo Busatto (2004, p. 74) há que se ter o cuidado de não confundir a forma de contar histórias com o teatro, pois:

O teatro apresenta ações, a narrativa as descreve. É evidente que durante a contação de histórias podemos nos apropriar de alguns elementos oferecidos pela linguagem teatral. Mas até onde esta apropriação é permitida, para que o contar histórias mantenha suas características? Até o limite que preserve ao ouvinte a possibilidade de imaginar os personagens e as suas ações, sem determinar através de um corpo e uma voz como é aquele personagem, e qual é a ação que ele está executando.

No trabalho de contação, o essencial é estimular a imaginação do público, para tanto, os contadores utilizam de todos os elementos possíveis, mas sempre deixando espaços abertos para a co-criação.

Silva (2004, p. 50) orienta que a humildade do contador pode criar uma sintonia com a platéia: Um contador não se agita, não se movimenta de um lado pro outro, caso contrário a plateia não sabe a quem acompanhar, se os personagens da história ou quem está narrando.

Para Machado (2004, p. 32), "a atividade de narrar histórias consiste em uma experiência de relacionamento humano de característica única". Patrín (2005, p. 61) afirma essa ideia e garante que "o causo assume uma importância social, aliando valores de troca de convívio e de experiências".

Machado (2004, p. 74) define a técnica de contar histórias, a partir da intenção do contador em relação ao que ele quer transmitir para a platéia, e levando em consideração, além dos recursos internos, outros tipos de recursos que possam ser descobertos pelo contador de histórias ao longo da narração.

Held (1980), afirma que a tradição oral de leitura e contação de narrativas populares poderiam ser levadas para as escolas, pois esse trabalho poderia ser utilizado na formação de novos leitores, e no desenvolvimento da oralidade, para a discussão de temas como diversidade cultural e ética, para o estudo da história cultural das populações que contaram essas histórias, para o desenvolvimento da competência narrativa.

Contudo, o autor ainda aponta para a satisfação de necessidades intrinsecamente humanas, nesse contexto, os causos, as lendas e suas narrativas tradicionais tocam radicalmente no que é humano, sem outros intermediários além da simbologia que lhes é própria.

[...] a narração do aedo, do bardo, do poeta africano, de qualquer contador de estórias de fim de tarde, exprime e nos faz reunir as necessidades primordiais da humanidade: a aprendizagem da vida, a busca incessante, a grande aventura humana. (HELD, 1980, p.21)

Benjamin (1994), diz que a experiência é utilizada pelo contador para se tornar um narrador, Bosi (1998, p. 88) afirma: "a narração é uma forma rústica de comunicação, o seu foco não é o acontecido, mas sim transformar o acontecido num relato que possa ser popularmente compreendido".

Bajard (2005, p. 18), afirma que narrar histórias, como causos e lendas, é relatar as experiências humanas, "recontar não é o único meio de descoberta do mundo, a experiência é uma grande fonte de conhecimento". Machado (2004, p.28) aborda a relação dos causos com a experiência do ouvinte:

É como se a pessoa pudesse passear pelo reino das possibilidades de significar, reinventando para si mesma a sua história naquele momento. E esse passeio pode ensinar sobre a aventura humana no domínio do imaginário. É como se ela pudesse se instrumentar para um tipo de experiência interna familiar, mas que não pode ser explicada pelos modos habitualmente conhecidos.

Bajard (2005) afirma que as narrativas tradicionais tem um forte poder sobre a mente de quem escuta, e muitas pesquisas já foram feitas nesse sentido, pois as pessoas começam a considerar os personagens e suas ações como seres cheios de virtudes e os associam aos seu próprio universo com um ser simbólico:

Em sua pergunta sobre "o que têm os causos para serem tão poderosos?", Wells conclui que "através desta experiência, a pessoa começa a descobrir a potencialidade simbólica da linguagem: seu poder para criar mundos possíveis ou imaginários por meio da palavra". (COLOMER,2003, p. 84)

No geral, a maioria das pessoas, principalmente do interior e nos meios rurais, tem uma grande admiração pelas histórias de tradição oral, que não acaba com o passar do tempo. De acordo com Patrini (2005, p. 133):

O poder de sedução do contador resulta da forma pela qual ele trabalha a sua matéria, o desconhecido, o simbólico, pois se refere não somente à vida dos homens, mas também à relação que esta vida estabelece com os poderes obscuros do mistério e da magia. Esta inspiração permanente em direção ao saber e ao domínio destes mistérios desperta nos homens a curiosidade e a imaginação criadora.

O talento de narrar histórias e as técnicas de expressão oral e corporal são alcançadas ao longo da prática de escutar e narrar histórias, a tarefa de contar histórias pode colaborar para a formação de leitores Silva (2004). Para Zamuner (2001, p. 11), narrar histórias pode, além de incentivar a leitura, duplicar a atividade de contação, gerando novos contadores.

Conforme Cascudo (1979, p. 51) "a lenda é um tipo de narração que se diferencia por sua localização e função específica de explicação de um determinado fato ou acontecimento".

São histórias transmitidas oralmente através dos tempos e buscam esclarecer acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, são um composto de acontecimentos reais e fictícios. A lenda se refere a um lugar determinado, servindo para explicar um costume, por exemplo. Assim o autor explica que o:

Canto, dança, mito, fábula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, e migram, viajam, presentes e ondulantes na imaginação coletiva. A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa. (CASCUDO. 1979, p. 51)

As lendas começaram a ser contadas com histórias de santos, com características religiosas e se referiam a fatos ocorridos com eles, assim como na Lenda do Sinhozinho de Bonito/MS.

A palavra de onde se origina é legendária e designava temas que deviam ser lidos como exemplos, "lição moral ou sapiencial" (SIMONSEN, 1987, p.6), para os fiéis cristãos, portanto, na sua origem, a lenda relata um fato compreendido como verdadeiro.

Posteriormente, a palavra lenda tornou-se a definir uma criação da imaginação popular, passando a se compor em folclore. As lendas fazem parte da realidade cultural dos povos, vão sendo contadas e modificadas através da imaginação humana, são fatos que não são explicados pela ciência e nem pela lógica.

O "Causo" são histórias orais locais, muitas vezes a palavra causo surge grafada no meio de aspas mostrando seu significado único, de falar ou modo não correto de dizer a palavra caso.

No dicionário Aurélio a palavra causo surge como "Conto, história, caso". Caso, por sua vez aparece no mesmo dicionário, entre várias definições, como "acontecimento, fato, sucesso, ocorrência" e ainda como sinônimo de "história, conto".

A palavra causo seria utilizada por homens do povo, pessoas locais, no sentido de "conjunto das pessoas que fazem parte às classes menos favorecidas" (AURÉLIO, 2000), ou seja, aqueles que, não tendo estudo suficiente, não se apropriaram da norma culta da língua, conforme a qual a grafia correta para a palavra é caso e não causo.

De acordo com Houaiss (2001) "narração falada, relativamente curta, que se aborda de um acontecimento oral; caso, história, conto, o que aconteceu, acontecido, caso, ocorrido". O autor entende dessa forma que a palavra causo é bem similar com a palavra caso, sendo possivelmente uma variante nascida na boca dos povos chamados de caipiras.

Desse ponto de vista, a utilização do vocábulo causo num trabalho acadêmico parece pouco apropriada. No entanto, a proposição aqui defendida é a de que o causo se constitui num gênero discursivo específico e, como tal, se diferencia da variedade de acepções associada ao vocábulo caso, tendo

como adequados aquelas já mencionadas especificamente "fato, ocorrência [...] história" (BAKHTIN, 1992).

Assim sendo, justifica-se a utilização do termo *causo* em lugar de *caso*, pois quando se diz: "conte-me um *causo*", o conhecedor do gênero sabe das características da narrativa que vai escutar diferentemente do efeito de sentido que *causa* um dizer como "o *caso* que foi exposto dizia respeito aos estudantes".

A principal característica do *causo* é a sua oralidade em expressar a regionalidade em seu conteúdo. O *causo* é uma verbalização, uma comunicação oral através de narrativas, é o que Zumthor (1997) chamou de *forma* e descreve suas impressões dos contadores de rua de sua infância:

O que eu tinha então percebido, sem ter a possibilidade intelectual de analisar era, no sentido pleno da palavra, uma "forma" não fixa nem estável, uma forma-força, um dinamismo formalizado, uma forma finalizadora, se assim eu puder traduzir a expressão alemã de Max Luthi, quando ele fala, a propósito de *causos*, de *Zielform*, não um esquema que dobrasse a um assunto, porque a forma não é regida pela regra, ela é a regra. Uma regra a todo instante recriada, existindo apenas na paixão do homem, que a todo instante, adere a ela, num encontro luminoso. (ZUMTHOR, 1997).

Essa regra é utilizada pelos contadores de *causos* que utilizam essas narrativas para contar coisas cotidianas. De acordo com Zumthor (1997), o *causo* é uma narrativa oral regional:

A noção de literatura é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização europeia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje. Eu a distingo claramente da ideia de poesia, que é para mim a de uma arte da linguagem humana, independentemente de seu modo de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas.

Por fim, ainda de acordo com o autor, as características do *causo* são exatamente a sua relação com a oralidade, comunicação oral através de narrativas, o que é preservado na dinâmica dos *causos* é a *forma*.

Conclui-se que apesar da aparência disforme, encontramos narrativas que se sustentam, como brevidade de relatos, forma diferenciadas de introdução e sobre tudo a teatralidade do contador.

## CAPÍTULO II

### 2.1 A LENDA DO SINHOZINHO: APRESENTAÇÃO

A *Lenda do Sinhozinho*, como compreende este trabalho, configura-se como uma história pertencente à tradição oral de literatura, mas é difícil defini-la em um único gênero dada a sua forma híbrida. Em síntese, acompanhando o que se tem no imaginário cultural da cidade de Bonito, trata-se da história de um velho beato, que na década de 1940, pregou ensinamentos religiosos e espirituais na região. O velho era mudo e abençoou, curou e cuidou da região.

Durante suas peregrinações à região, ele construiu várias cruzes de madeira que ele deixou onde passou. Acredita-se que este Sinhozinho foi responsável por segurar uma enorme serpente gigante em um grande buraco em uma das colinas locais, marcando esse feito com uma de suas cruzes. Dizem que se a cruz for descoberta e retirada, a serpente será liberta novamente e poderá devorar todos os habitantes da área se as pessoas não estiverem cuidando bem da natureza.

Sinhozinho desapareceu sem deixar vestígios, mas as cruzes que deixou para trás, e a capela que construiu, ainda hoje são visitadas pela população da região. Além disso, todos os dias, na data de 12 de outubro, as procissões acontecem na Capela de Sinhozinho - localizada perto do Rio Mimoso, seguida por milhares de pessoas<sup>1</sup>.

Chegar até essa síntese não foi fácil, apesar de em vários sites dos pontos turísticos de Bonito trazerem essa informação, devido a questões turísticas especialmente, a Lenda ainda não fora estudada de forma mais profunda. Buscamos conhecer a Lenda por meio de entrevistas com moradores antigos da região que tiveram contato direto com o *Sinhozinho*. Nosso percurso, entretanto, enfrentou dificuldades de acesso e permissão para a coleta das entrevistas.

À época, a mestrande Layanna Sthefanny do Camo, pesquisadora do Programa Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da

---

<sup>1</sup> Ver registros fotográficos nos anexos deste trabalho.



Universidade Estadual de Goiás (UEG), sob orientação da Profa. Dra. Maria Idema Vieira D'abbadia, realizava entrevistas com moradores justamente sobre a história do Sinhozinho. A pesquisa ainda se encontra em andamento, e o nosso trabalho contou com a parceria das pesquisadoras que nos deram acesso às entrevistas e, dentre elas, selecionamos quatro que se dedicam em contar quem era o Sinhozinho, quando surgiu, o que fazia, como era seu comportamento.

Os relatos recortados para nossa pesquisa justificam-se pelo fato de serem aqueles que mais contribuem para os objetivos da pesquisa e nos permite ter uma visão global dos fatos narrados em torno da Lenda em questão. Na sequência, apresentamos as entrevistas transcritas para, em seguida, fazer as discussões.

## **2.2 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Como apresentado no tópico anterior, as entrevistas selecionadas compõem também a pesquisa das estudiosa da UEG. São materiais inéditos e que merecem o devido cuidado. Ressaltamos o fato de que nosso trabalho concluiu-se antes da conclusão do mestrado da estudante Layanna Sthefanny do Camo, porém, o caráter de ineditismo das entrevista não pode ser desconsiderado quando do resultado final desta pesquisa, uma vez que utilizamos apenas 4 entrevistas, além dos objetivos e propostas serem distintas.

### **E1<sup>2</sup>, 90 anos**

(P) Estamos aqui dona Aurora, para colher um depoimento da senhora. Gostaria que a senhora contasse a história do Sinhozinho, do tempo que ele viveu na casa do seu pai. A senhora pode me contar, por favor?

(E) Em não lembro muitas coisas, a gente era meia guriazota, eu tinha apenas 17 anos. É, o que eu me lembro da chegada dele em casa, que foi

---

<sup>2</sup> Ver Figura 1 nos Anexos.

muito agradável, porque a gente não esperava que ele viesse na casa do meu pai, ele estava lá na Serra Limpa na encosta do Rio do Peixe, lá onde morou o finado compadre João da Mata, levava quase um dia todo para chegar lá a cavalo, né. Foi eu e meu pai e dois senhores que queria conhecer ele lá. Nesse tempo ele tinha só uma mão, a outra mão era assim (escondida) ele usava vestes de padre, e por cima mantinha coberto aquele braço dele. Tinha só um. Depois quando ele veio pra casa do meu pai, no dia seis de janeiro, só não me pergunte à hora que eu já não lembro mais.

(P) Sim.

(E) Foi no tempo da Guerra Mundial, quarenta e alguma coisa né, foi guerra dos estrangeiros, graças a Deus pro Brasil não veio. Foi os brasileiros, mas não veio para cá. Que um dia, seis de janeiro, ele chegou bem cedinho era umas seis da manhã, mais ou menos, só eu que tinha levantado. Ele e um rapazinho que era companheiro dele, um moreninho. Aí eu corri lá dentro e chamei meu pai. Aí ele recebeu ele lá na frente, porque ele não entrava. Aí mandou avisos pra aqui, pra li pros vizinhos, sei que quando foi à tarde tinha muita gente já pra rezar. À noite, de tardezinha, a gente já rezou. E era assim que ele ficava né. Fazia as pessoas rezar. Mandava rezar terço, reza cantada. Tinha um moreninho que acompanhava ele, que era o tirador de reza cantada. Era muito bonito de você ver.

(P) E aí, ele ficou lá na fazenda quanto tempo?

(E) na cede mesmo ali, ele ficou só dois dias.

(P) E como é que foi a história de prender ele? Porque que o prenderam? Para onde ele foi?

(E) assim diziam que tinha um senhor daqui de Bonito que era um doutor. Doutor Salvador, ele era médico e tinha a farmácia dele também né. Era o que falavam, que foi por esse motivo, que ele foi denunciado para as autoridades daqui pra tirar aquele homem de lá, que tava dando muito prejuízo aqui nas farmácias.

(P) E o Sinhozinho, ele falou com vocês?

(E) Ele não falava.

(P) Acenou alguma coisa?

(E) eu era nova naquele tempo, a gente pouco compreendia aquele aceno. O meu pai compreendia muito bem, sabia onde ele queria ir, quem que era pra chamar. Era um tempo muito bonito, muita união pras famílias. Ele foi em várias casas de família no barranco, onde tinha muitas famílias nas casas. Salvou umas crianças que estava com meningite que deu. Tinha tal de Filão Ciriaco que perdeu um filhinho e o outro tava muito mal, mas ele salvou. E aquele do seu Gilóca Machado que era casado com uma Vargas ele salvou também duas crianças. Tava dando meningite nas crianças, muito muito. Que até uns sobrinhos meus faleceu, duas criancinhas, um com um ano e outro com dois anos, de meningite. E essas crianças lá ele salvou. Acho que Deus deu permissão pra ele, e ele salvou né.

(P) *Unrum.*

(E) Mandou fazer um quartinho assim, bem fechado lá na capela. Do lado da capela, fechou bem de bacuri e ainda mandou colocar cobertor em volta, pra ficar aquelas crianças bem agasalhadas ali, e ele dava uns copinhos de chá que ele mesmo fazia. Agora, quem é que sabia chá de que né?

(P) E a senhora viu ele tratando assim específico só dessas crianças?

(E) Ah, várias crianças né.

(P) Como é que ele vestia, o que é que a senhora lembra dele?

(E) Vestes de padre, vestido grande, desses como de padre.

(P) Era ele que bordava a roupa dele?

(E) Ele mesmo. Fazia bem feitinho, na manga, na barra, usava assim como vestes de padre mesmo.

(P) Uma outra coisa dona Aurora que é importante falar, como é que as pessoas ficaram depois que ele foi embora?

(E) Ficaram em choque, porque ele tava sendo um milagre, porque já tinha salvado várias crianças né, as crianças que eu tava falando.

(P) A senhora lembra o dia em que sua irmã escreveu a carta de aviso do Sinhozinho? A senhora viu?

(E) Vi, sempre ficava meio junto pra rezar principalmente. Uma pena que aquele tempo a gente não tinha maquina por aqui, nem um Kodak que fosse

pra tirar fotos, também não sei se ele iria deixar tirar fotos dele, essas coisas né.

(P) Aqueles quadros que alguém pintou, realmente se parece com ele?

(E) Não me lembro mais, faz muito tempo. Ah, quando ele batia aquelas tabuazinhas assim (barulho) todo mundo já sabia que ele ia rezar.

(P) A senhora diz que ele parecia o São José?

(E) É parecido, ele tinha uma fisionomia de um santo. Perdão da palavra, se ele não é né.

(P) Ele parecia um estrangeiro, ou não, parecia um homem brasileiro mesmo?

(E) Tu via ele assim, cabelo crespo meio amarelo pelo ombro encaracolado, bigode e barba clara, barba grande e se vestia como padre. Não comia como as outras pessoas come. Aqui de Bonito quantas pessoas ia, levava pacote de macarrão, arroz pra ele. Ai ele dava pra aquelas pessoas mais pobres, pras criancinhas.

(P) Ele não ficava com as comidas?

(E) Não. A gente nunca viu ele comer nada. Meu pai falava que já ficou lá com ele uns quantos dias na capina santa, e ele falava que ele só comia as vezes, uma mandioca com mel.

(P) E os carneiros?

(E) Não tinha ainda, parece que era só dois carneirinhos e um cachorro.

(P) Quando ele foi embora os carneiros ficaram na casa do seu pai?

(E) Ficaram. Levaram ele como prisioneiro mesmo, nós vimos ele passando, porque naquele tempo passava bem pertinho da cerca do pátio. Ele ficou com o punho bem amarrado, eles o amarraram como quem que alguém amarra um criminoso mesmo. Os que foram prender ele lá.

(P) E a senhora conhecia essas pessoas que o prenderam?

(E) Não. Nesse dia que ele ia ser preso, ele mandou todo mundo ir embora mais cedo.

(P) Mas e aí não se sabe o que aconteceu com ele?

(E) Não.

(P) E depois que ele foi embora o que que mudou no ambiente? Vamos dizer, as pessoas mudaram de vida? O que, que ele influenciou?

(E) Muitos sim. Muitos já morreram, muitas famílias ficaram devotos. Todo ano faz uma fogueira de São João lá na capela.

(P) Não é só da sua família?

(E) Não. São várias famílias.

(P) Então é assim, a capela ela tem um ritmo de atividades religiosas na semana santa, que vai gente visitar, vai rezar no São João e no doze de outubro?

(E) *Anram*.

(P) Então na realidade são três datas que comemoram no tempo dele, e que agora continua comemorando?

(E) É. E no tempo dele tinha também, primeiro de novembro, dia de todos os santos também. Só que a mais forte agora, que se comemora é a festa de doze de outubro. Todos os padres daqui sempre fazem essa procissão, faz a missa lá.

### **E2<sup>3</sup>, 57 anos**

(E) Aonde eu fui nascido e criado fica uns mil metros mais ou menos da onde é a capela.

(P) Ah sim, que é a fazenda do seu finado avô?

(E) É. Que é a fazenda do meu finado avô Flávio Sanches.

(P) E o senhor conheceu o Sinhozinho?

(E) Eu era muito pequeno, não cheguei a conhecer, ele andava com meu finado avô, mas não tenho nenhuma lembrança porque eu era muito pequeno na época. As minhas tias, tia Lola e tia Belmiria, que é a Líria, ela conhece bem mais, porque ela andava junto, acompanhando as ovelhas.

(P) Qual é o nome da sua tia?

---

<sup>3</sup> Ver figura 2 nos anexos.

(E) Ela é Belmiria, mas coloca Líria.

(P) O senhor costuma ir à capela do Sinhozinho?

(E) Vamos sempre, dia doze a gente vai a pé né, no dia da Nossa Senhora. A gente sempre vai a pé à procissão.

(P) E além dessa data, vocês sempre vão?

(E) Sempre vamos! A gente foi criado ali, sempre vai nos tios ali, os tios da gente mora lá né.

(P) Sua família também reza para o Sinhozinho?

(E) Sim. Minha família é devota, a minha mãe já é falecida né, mas todos são devotos da Nossa Senhora. Inclusive essa minha tia Líria, ela sabe dizer bem tudo, porque ela acompanhava.

(P) Ela ainda é viva?

(E) Viva. Conversa normal, vem aqui direto. Ela conhecia e caminhava junto com ele e as ovelhas né. Ela já é bem de idade tem cabelinho branco, mas conversa normal.

(P) Como o senhor chegou aqui em Bonito?

(E) É, a gente veio para estudar pra cá né, lá pra nós era difícil estudar, vai até a quarta série. Depois meus avós mudou pra cá, veio pra fazenda e trouxe os filhos, e daí mudou e a gente veio, a gente foi criado com ele, com o finado vô Ilário. Em setenta e quatro eu vim pra cá.

(P) Setenta e quatro?

(E) É!

(P) E a vida do senhor aqui em Bonito, como foi?

(E) Assim, trabalhei toda a vida de campeiro.

(P) O senhor conhece algum milagre do Sinhozinho?

(E) assim, por falar já, porque eu era muito pequeno. Mas a gente ouvia falar dos milagres dele e do finado Março Nilio, ele é enterrado lá na capela da Nossa Senhora.

(P) E o Março Nilio era um seguidor do Sinhozinho?

(E) Seguidor do Sinhozinho.

(P) Ele era devoto do Sinhozinho?

(E) Devoto do Sinhozinho, ele ajudava diretamente. O Sinhozinho ia carregando a cruz e ele ia acompanhando com as ovelhas.

(P) Nesse caso ele já é falecido?

(E) Já é falecido.

(P) E além do Março Nilio tinha mais algum auxiliar do Sinhozinho? Algum seguidor com ele?

(E) Tinha. Mas já é falecido também. Quem era o outro auxiliar dele é o Ilário Sanches. E tinha os outros também que já é falecidos, Valdo, tio Polaco, Leandro esses acompanhavam mais já eram tudo de idade já.

(P) Eles acompanhavam na década de quarenta?

(E) É, mais ou menos na década de quarenta.

(P) O senhor sabe me dizer porque que prenderam o Sinhozinho?

(E) Não essa resposta não sei dizer.

(P) O senhor nunca escutou do seu avô alguma história, porque que prenderam ou levarão ele de lá?

(E) olha, não tenho bem lembrança, porque a gente ouviu, eu era muito novo na época. Mas eu tenho uma tia que vai te contar tudo certinho. Que é a tia Líria.

(P) O senhor conhece a lenda do Sinhozinho?

(E) Sim!

(P) Conta um pouco sobre a lenda.

(E) Na fazenda palmeiras tem a serpente, tem muitas cruces dele lá.

(P) Além da lenda da serpente, tem alguma outra lenda, alguma pratica do sinhozinho? Alguma coisa que ele fez que ficou marcado em Bonito?

(E) Ele não conversava né, conversava mais por senhas, nos gestos dele quem entendia mais era o Março Nilio.

(P) Qual a importância do Sinhozinho para Bonito? Para os fiéis, para o senhor?

(E) É muito importante, porque na época a gente era muito pequeno, mas tem uma devoção, porque o que ele fazia era só o bem né. Ele não comia comida, comia peixe, mel de abelha. O que ele fazia era carregar a cruz dele,

não tinha paradeiro certo né, hoje ele tava aqui, amanhã em outro lugar. Essa cruz ta lá na capela.

(P) essa cruz está na capela onde acontece a romaria?

(E) É.

(P) E além dessa capela onde acontece a romaria, tem outras capelas que ele fez?

(E) Vários lugares que ele fez não. Tem vários lugares onde ele cravou as cruces. Inclusive nessa fazenda palmeira tem bastante.

(P) Na fazenda palmares esta a cruz que ele também colocou?

(E) Ali tem a cruz mestre e tem a cruz que ele cravou na sepultura do finado Março Nilio, aqui na capela da Nossa senhora de Aparecida, que é o que acompanhava ele né.

(P) E a romaria, o senhor costuma ir a romaria no mês de outubro até a capela?

(E) Sim, mês de outubro dia doze, a gente vai na procissão daqui, sempre acompanha a procissão. A gente vai sempre na frente né, porque vai a pé, tem muitos que faz a promessa de ir e voltar a pé. Meia noite em diante já tem gente que vai indo, tem gente que vai até descalço pagar promessa, tem uns que vai normal, mas todo dia doze tem a promessa.

(P) E as pessoas geralmente fazem a promessa para o Sinhozinho ou para a Nossa Senhora de Aparecida?

(E) É pra Nossa Senhora, mas através do Sinhozinho os devotos né. Nossa Senhora e já pedindo a proteção do Sinhozinho sempre.

(P) E além das cruces o Sinhozinho deixou mais algum objeto?

(E) Eu não posso dizer certeza, mas essa minha tia vai falar. Ela deve ter alguma coisa do Sinhozinho. Tia Líria que é a esposa do seu Nene Rodrigues, acho que tem um manto dele e acho que tem mais alguma coisa do Sinhozinho.

(P) Será que ela mostra para gente?

(E) Deve mostrar sim. Com certeza que mostra, ela é muito devota do Sinhozinho.

(P) Onde que mora o senhor Nene?



(E) Essa dona dele mora pra baixo do BCG.

(P) Ela está lúcida?

(E) Disse que tá lúcida ainda, faz tempinho que não vejo ela né, mas ela tem.

(P) Ela conheceu o Sinhozinho?

(E) Ela conheceu e andava junto também. Ela vai te explicar bem melhor, porque na época eu era muito novo.

(P) E a Nossa Senhora de Aparecida ela era uma devoção do Sinhozinho também?

(E) Era a devoção dele, como de fato ele que montou a capela, mandou fazer a capelinha da Nossa Senhora, era feita de capim de sapé que a gente fala né, de barro, depois foi feita telha. Foi feita de capim a capela quando ele pregou a cruz lá. Inclusive, os devotos teve que depois dar uma proibida porque eles iam e tiravam a lasca da própria cruz pra fazer remédios.

(P) Além das lascas da cruz, existe mais alguma coisa que as pessoas usavam para fazer remédios?

(E) Que eu lembre, não!

#### **E1<sup>4</sup>, 89 anos**

(P) Vamos conversando, a senhora chegou aqui em 52, e ai como é que foi a história?

(E) Chegamos aqui em 1952, ai nossa profissão era com o público né, farmácia, gabinete dentário então as pessoas foram devagarinho porque havia outro farmacêutico também aqui, foram chegando de vagarinho, eu ia completar 23 anos, ele tava com 29 anos então a gente era jovem. Naquela época Bonito, era uma fazendona, sabe poucas casas e tal. Ficamos sendo mais ou menos conhecidos apesar de que era assim, tinha as famílias antigas, tinha muita polêmica, gente nova que tá chegando e tal. Uma das primeiras famílias que teve contato bastante, fumo aumentando contato foi a família Sanches. O pai de todos eles ja tinha muitos filhos, Ilário Sanches e a esposa

---

<sup>4</sup> Ver Figura 3 nos anexos.

Andradina Sanches. Então se tornaram muito amigos nossas porque se Ilário tinha problemas de saúde, e o Zezinho meu marido, cuidava dele muito bem, ele tinha muita prática né, e a gente foi se entrosando com eles com a família toda. E eles tinha a fazendinha onde é o terreno que esta a capela do Sinhozinho, era a fazenda do seu Ilário né.

(P) Certo.

(E)E ela começou , ela ainda estava muito tristonha porque fazia pouco tempo que tinham levado o Sinhozinho. Não consumiram com ele ali, ato nenhum, só levaram ele. E ela pediu pra ele não aceitar, mas ele não falava, ele fazia mais com senhas pra ela e ela já entendia tudo porque já fazia um tempinho. Ele escolheu aquele local, a sede da fazenda era um pouco mais afastada, mas ele escolheu ali que era na beira do rio do Corguinho ali e tudo, e ali ele ficou. Começou a falar pra ela que ele ia construir, e ele começou a sair pro mato trazendo madeirinhas pra ele fazer a capelinha. E ela cuidou dele, assim, a alimentação dele, ela fazia pão naquela época e levava pra ele, ele gostava de verdura, alface e mandioca assada, ele assava a mandioca pra ele comer. Ele não comia outra coisa, esse era o alimento dele. Então ele saía e trazia tudo e começou a construir a capela, eu conheci a capela de taboinhas , ela ainda existia ta. E ela contou , muitas coisas dele, que ele era uma pessoa boa. Ela falava olha Nadir, eu não sei o que posso explicar do Sinhozinho, aquela criatura não fazia mal pra ninguém ele ficava queto no cantinho dele, ele tinha intuições de onde tinha gente que tava doente que precisava dele. E ai ela me contou que uma vez ele teve uma intuição de uma fazenda a uns 20km dali, da cede que era ali pelo Jaboti por ali, então ele teve uma intuição de ir la, e ele tinha uma criação de carneirinhos, e tinha uns quatro ou cinco carneirinhos. Os carneirinhos acompanhava ele . E ele foi, ela pediu pra ele, que ele não fosse a pé andar sozinho, ele não pegava condução nenhuma, só andava a pé. Então ele foi, tava uma criança, uma menina na faixa etária de uns nove anos ou menos, passando mal dentro de uma quarto lá, numa fazendinha lá, deitada com meningite, ele chegou la o pai da menina tratou ele muito bem, mandou ele entrar, ele ficou no quarto com a menina, muito tempo ali, ele fazia as orações assim, calado, não falava era só na intuição né.

(P)Hunrum

(E) Quando ele viu que a menina já estava bem, já tinha melhorado, tava querendo comer e tudo, ele voltou a pé, foi embora os carneirinhos junto come ele. E a dona Andradina tratava dele, pedia pra ele se cuidar que ela tinha muito medo, porque na cidade corria uma boato de pessoas que não estavam acreditando. E naquela época tinha uns coronéis, vamos dizer assim, aqueles mais antigos né, muitos radicais, tinha que ser sempre tudo como eles queriam, eles que manobravam quando nós chegamos. Então ela soube uma notícia que iam sumir com ele de lá, iam tirar ele de lá, que a maioria das pessoas não queria mais ele ali naquele local, e essa maioria todos eram católicos, não estavam acreditando em nada e achava que ele estava atrapalhando o movimento da cidade, quer dizer, a pessoa ao invés de sair dali ir pra Jardim procurar um médico, procurava ele né, então era isso que eu calculo que seja. O tempo foi passando e ele lá, terminou a capela dele. Uma coisa que é extraordinária sabe, é só mesmo uma pessoa em crédula para não acreditar num mistério desse. Sozinho ele fez toda a capela com as madeirinhas todas encaixadinhas, ele não usava prego e nem batia, não tinha batida e nem prego. Ai a dona Andradina nos convidou pra ir lá, e nós fomos. Ele terminou a capela perfeitinha, telhado era tudo encaixadinho aquelas madeiras. Ele queria uma Santa pra por ali, Nossa Senhora de Aparecida, tudo que ele pedia que falava a dona Andradina entendia, porque ela já tava bem habituada com ele ali. Ele pediu, fez todo jeito de ser Nossa Senhora de Aparecida. Ela com a família grande e com os amigos, todos se reuniram e deram um jeito de trazer uma Santa. Ela me contou, que ele mostrou o tamanho que ele queria é aquele tamanho que ta lá, ela tinha uns parentes que morava fora e conseguiram. Mas quando a Santa chegou ele não estava mais ali, quando ela soube quem eles iam buscar, tira ele de lá. Ele ficou na capelinha. Ela me contou que ela chorava porque ela já tinha né uma amizade nele, viu que aquele homem ali, sei la, não sei nem explicar, tava fazendo o bem pra todo mundo e ele ficou amoitadinho, bem no cantinho assim da capela que ele fez, la no cantinho queto sentado, e avisou ela, que eles iam chegar, fez sinal pra ela que iam chegar, mostrava que era polícia e tudo e tal. E chegaram. Ma eles chegaram no momento que ela não tava la na fazenda ela não viu ele sair. E levaram ele, nunca se soube o que aconteceu com ele, nunca se soube! Correu assim, as

vezes vinha assim, alguma noticia da cidade, mas ninguém sabia se era verdadeira né.

(P) Hunrum

(E) E assim ela continuou, ficou com os carneirinhos, cuidou até pouco tempo, ela tinha os carneirinhos dele que ela ficou cuidando. Ai como foi passando o tempo, quando chegou a Santa ela convidou eu, Zezinho e minha mãe pra ir la conhecer a Santa. Mas eu fiquei até emocionada vamos dizer, aquela Santa linda, tudo como ele quis.

(P) Então, ele não presenciou a Santa no altar? Ele saiu de la antes da Santa chegar.

(E)Da santa chegar. A santa chegou depois que tiraram ele de la, que ele desapareceu, as pessoas da cidade começaram a ir lá. A Santa estava la né. Então até hoje tem dias especiais, o padre vai la rezar a missa tudo. A população toda vai lá. Então aceitaram tudo ali mas depois que ele saiu, entendeu? No dia de Nossa Senhora de Aparecida, o padre vai la e faz missa vai a população toda lá e tudo. Aquelas fotos, flores que ta la, tudo foi agradecimento pra ele, agradecendo a saúde e as situações as vezes, até de família né. Teve que fazer a capela de material, porque o cupim chegou na madeira sabe , tava perigando desabar.

(P) Há sim.

(E) Mas foi uma pena, porque é interessante você saber que uma pessoa fez aquilo sem um prego sem nada. Bom vocês vê a cruz? A cruz é encaixada. Ele saiu pro mato escolher a madeira, a arvore que ele ia tirar para fazer a cruz, ele queria uma arvore alta, realmente a cruz e alta né, e la mesmo ele trabalhou na cruz, encaixou porque não é pregada é encaixada também. Quando foi pra trazer para a igreja, tinha uns dois ou três ajudantes, foram ajudar e não conseguiram erguer. Ela me falou assim, que ele falou assim, perae e ele foi la e ergueu sozinho e foi arrastando, foi ai que eles então ajudaram a arrastar, mas ele que carregou no ombro. Ai ta cheio de lascas que estão tiradas, as pessoas tiram, agora proibiram porque se não vai desgastar né.

(P) Hunrum

(E) Mas é uma coisa impressionante, uma coisa válida porque muitas pessoas como dona Andradina, ela se dava muito com a minha mãe. A dona Andradina era parteira, meu marido tava sempre junto, que quando seria um parto difícil ela chamava ele para ajudar. Então, a gente teve assim uma amizade muito sadia porque o povo, essas pessoas que são nascidas e criadas fora da cidade grande são gente muito humildes mas são gentes muito sinceras e muito simples. Eu convivi sessenta e cinco anos ou mais com todos eles, depois Bonito foi crescendo, aquelas pessoas mais antigas a gente não tem quase ninguém, tem as raízes né isso tem bastante né. A família Sanches é grande. E tem uma passagem que ela me mostrou uma foto e para o Zezinho meu esposo. Ela tirou uma foto com os filhos, e seu Ilário sentou numa cadeira e ela sentou na outra, ela me mostrou a foto, ai tava todo o pessoal sentado inclusive a minha comadre Aurora que foi entrevistada também, tava tudo ali. Ela nos mostrou a fotografia, na época ela disse que conseguiu por o Sinhozinho assim, atrás da minha cadeira com o Ilário. Porém ele não aparecia na foto, não apareceu. Nadir ele não apareceu na foto, mas ele não abaixou tava todos os meninos ali, ele não gostava de tirar foto, foi de tanto eu insistir e por ele ali. Ela me mostrou a foto, ele não apareceu. Nós que estamos aqui, não vamos conseguir desvendar isso, só Deus! Mas temos assim, muita fé que foi um homem de bem que teve por ai. Se realmente foi um homem ou o que foi, mas foi do bem, ele só fez bem e foi levado. A notícia vinha muito triste, mas naquela época a policia era muito pouca, mais era os coronéis que mandavam né. E aqui tinha bastante naquela época. Pra você ter uma ideia se prendia alguém por causa de bebida qualquer coisa assim, amarravam no pé de laranja, não tinha cadeia.

(P) Risos

(E) Por ai você tem uma ideia de como era o nosso Bonito. Mas o crescimento de Bonito foi muito rápido teve ajuda dele seja onde estiver, porque foi um mistério. Um mistério não pro mal, felizmente pro bem, porque ele não fazia mal pra ninguém, só fazia o bem. Quando nós soubemos, lamentamos muito. Nós chegamos aqui fazia pouco tempo que tinha acontecido isso com ele. Eu tinha muita vontade de conhecer ele, eu era bem nova, uma mocidade que eu tive bem fora desse ambiente assim né.

(P) Dona Nadir, das histórias que a dona Andradina contou para a senhora, ela disse se o Sinhozinho esteve em outros lugares, além da casa da fazenda dela?

(E) Ninguém sabe. Ele chegou e já foi direto no local onde ele ficou, que é afastado da fazenda. Ninguém sabe da onde ele veio, nem a dona Andradina, ele não falou, ele só fez sinal pra ela que queria ficar ali.

(P) Ela contou para a senhora que jeito que ele era, qual a aparência dele?

(E) Contou. De vez em quando a roupa dele era uma roupa assim, parece um pala, e ele cobria os braços, ele ficava com os braços cobertos sabe, aquela roupa grande e branca, ele usava muito esse tipo de roupa, mas ele tinha também outras roupas, mas a que ele mais gostava era essa roupa que ele usava. Ele nunca mencionou nada pra ela de onde que ele veio, ninguém ficou sabendo. Ela me falou que ele tinha uma fisionomia ele era bem claro, tinha a barba dele também assim bem clara, cabelo dele tava um pouquinho branco, mas era cabelo bem claro. Rosto dele era fino, essa característica que ela me passou pra nós.

(P) Depois que ele foi embora as pessoas também ia lá para rezar? O filho dela benzia, continuou o ofício dele de benzer?

(E) Continuou. Mas continuou assim, tava a Santa la né. Nossa senhora de Aparecida e a capela que todo mundo queria ver a capela, a de madeira né. O Creri, filho do seu Ilário, que benzia.

(P) Vocês eram os médicos da cidade?

(E) Sim. Fazí

amos os partos e tal, o meu marido Zezinho, e a dona Andradina

(P) A senhora era dentista?

(E) Sim

(P) Obrigada.

## **E4<sup>5</sup>, 85 anos**

---

<sup>5</sup> Ver Figura 4 nos anexos.

(P) Eu queria que o senhor contasse o que o senhor lembra quando encontrou com o Sinhozinho, como era vida do senhor naquele tempo em que o Sinhozinho viveu aqui em Bonito?

(E) Ôia eu conheci ele eu tinha uns dezesseis anos né, ele apareceu aqui na cidade, ele não falava, só por senha né, e um braço dele também não aparecia, o braço esquerdo. O povo acompanhava muito ele, o povo entrou numa religião, aqui antigamente a uns cinquenta sessenta anos atrás não tinha uma religião, ele montou uma religião.

(P) E como é que era essa religião que ele montou?

(E) Era a católica né, ele rezava, chegava nas casas antigamente, porque aqui tinha poucas casas né. Tinha a igreja dele e fim de semana assim, o povo reunia bastante gente, umas quarenta cinquenta pessoas e rezava, três terços numa noite e ia dormir. A bóia dele era peixe assado, mel de abelha, banana, bolo de polvilho e mandioca assada e batata assada.

(P) A sim. E o senhor chegou perto dele, o senhor rezava com ele?

(E) Cheguei. Eu tinha um tio meu, que tinha uma carreta de boi, então esse meu tio era muito chegado dele. O Sinhozinho fazia essas cruz grandes né, seis metros as cruces e quem puxava elas na carreta era o meu tio Fredo Goulart. Ai fumo subir ali perto da água santa que chama né, uma subida meia forte e não amararam essa cruz na carreta, e essa cruz escorregou de lá e caiu no chão. E eu ficava cuidando dos bois, eu tava com a picana, aquela que cutucava os bois.

(P) A sim.

(E) E ai os tumbeiros virou, meu finado tio veio de lá e cutucou os bois e saiu muito sangue era uns bois brancos né, o Sinhozinho veio pegou a picana da minha mão né, e bateu bem numa pedra assim, e me entregou e falou que não era pra fazer aquilo, que ele não aceitava aquilo, ai me entregou a picana. Nós tava entre cinco pessoas grande e ele, mandou aqueles homens pegar na ponta da cruz, a cruz tinha seis metros por trinta de largura né, pra ver que era uma aroeira pesada né.

(P) De aroeira?

(E) De aroeira. Ai mandou que tudo fosse pegar lá e ele pegou naquela ponta assim, com a mãozinha e ergueu, ai mandou empurrar e mandou

amarrar la no cabeçario da carreta né, ai não escorregou mais, ai andou mais uns dois km, era onde ia botar ela.

(P) Em que lugar que fica?

(E) Fica na costa do peixe, uns quarenta km daqui lá.

(P) E onde que o senhor lembra que ele fez essas igrejas ?

(E) Ele fez aqui primeiro, tinha na serra limpa, tinha o paradeiro dele na capelinha dele, a capela dele rezar, tinha na jabuti, no pão de açúcar e tinha várias paradas dele. Mas ele ficava mais aqui mesmo no mimoso. Nas outras fazenda ele passava de passagem né.

(P) Ia muita gente, seu Venó?

(E) Que acompanhava ele tinha umas quinze, vinte pessoas acompanhando ele direto.

(P) A sim. Então ele sempre tinha gente com ele?

(E) A tinha. Ele escrevia mais não falava, ele falava tal dia marcava nós vai pra tal lugar né.

(P) E como é que o povo entendia ele, só pelo aceno?

(E) Pela senha né, e ele escrevia.

(P) Ele escrevia?

(E) Escrevia, uma letra bem fininha e bem bonita a letra dele. Eu lembro que tinha uma irmã minha que era muito chegada dele, ele passava sempre na nossa moradinha né, e ela pedia sempre oração pra ele, benzia a mangueira, o gado, o nosso gadinho nunca pestiou, nunca aconteceu nada, isso foi muito interessante.

Eu fui fazer minha compra, a cadeia era só amarrado, ai eu passei tinha treze pessoas amarradas pelo pé, e o Sinhozinho tava lá amarrado pelo pé, num pé de goiaba né, uma cepa corrente, ai eu oiei, ele me conhecia bastante né, me oiou. Ai fiz minha compra e voltei, voltei ai ele por si se soltou, porque era uma corrente grossa e um cadeado grande, ele oiou pra lá pra cá e tocou. E eu também ia para o mesmo lado, fui atrás dele né, era alto magro, e foi pra capela. Ai passou um tempo né, e nós tinha um gadinho que criava lá e eu tava lá no campo, e o Sinhozinho veio amarrado em cima de um burro veio, gola pelada, lembro tão bem, amarrado uma piola bem no peito do cavalo e no



rabicho também, e as perninhas dele amarrado pro lado de baixo da barriga do burro veio, e um cara cutucava o burro, o burro já nem andava mais quase né, ai ele dava um cutucão nele de choque e outro no burro veio, ai eu fiquei oiando, falei o Sinhozinho daquele jeito, eu era chegado dele, eu até chorei francamente, dó de ver. Um homem que só fazia o bem não fazia o mal.

(P) Mas porque que fizeram isso com ele será?

(E) É porque aqui tinha um comerciante que tinha uma farmácia da família Rossisvale, o farmacêutico chamava Russo Rossisvale, não vendia nada de remédios. O filho dele era delegado, o Ítalo, ele que prendeu ele. Esse povo que perseguiu ele, vieram com aquela judiação dele. Bom a primeira vez que soltaram ele escapou e foi embora. Ai depois que pegaram ele, ai não sei o que fizeram dele, disque degolaram ele e jogaram na gruta, outros falam que levaram pra Ponta Porã, ai é que eu não sei.

(P) Como que era essa coisa das ovelhas, ele criava as ovelhas?

(E) Deram pra ele um casalzinho e aquelas ovelhas foram aumentando e no fim já tava um rebainho de umas vinte e cinco ovelhas e um casal de cachorrinhos desses pequenininhos, coisadinhos pitoquinhos né, e tudo acompanhava ele.

Ai teve la na jabuti e pousaram lá, ai um cara falou pra ele que ia dar uma ovelha pra ele né, ai o fazendeiro mandou ele escolher a ovelha, tinha umas sessenta, setenta ovelhas ali, ai ele olhou e mostrou a ovelha lanuda do fucinho preto, isso eu lembro bem. Fez senha e mostrou a tal ovelha né. Ai o dono da fazenda falou para o empregado, vai lá e pega aquela ovelha, ai o Sinhozinho fez senha que não era pra pegar. Ele escolheu daqui um pouco ele fez uma oração ali, a ovelha saiu do meio do rebanho e acompanhou o rebanho dele e essa ovelha saiu berrando levou três dias acompanhando o rebanho dele, foi um troço muito impressionante, interresante.

(P) O senhor viu isso, o senhor estava junto com eles?

(E) Vi, eu tava junto. Meu tio era muito chegado, falava vamos acompanhando o Sinhozinho, e eu gostava era mulecote né.

(P) Quem mais andava com ele, os homens ou as mulheres?

(E) Mais homem que mulher. Era umas quatro, cinco mulher só que acompanhava os maridos né. E não gostava que nenhuma mulher tivesse com

roupa curta, e não queria que misturasse também homem com mulher. Mulher pra lá e os rapazes pra cá.

(P) Ele era loiro, branco de olho claro?

(E) Era, cabelo dele era cumprido.

(P) O senhor acha que ele tinha o braço atrofiado, alguma coisa assim?

(E) Não sei, diziam que tinha aquele braço escondido, mas tinha hora que eu achava que ele não tinha esse braço ai. Agora banho não sei se ele tomava ou não tomava viu (risos).

(P) Como era a vida aqui em Bonito, de onde o senhor veio?

(E) Eu vim com três anos do Rio Grande né. Eu vim quando chegou aqui, a tal da febre amarela aqui antigamente, ai matou trinta e cinco pessoas, que morreu dessa febre amarela né. Com quatro anos fiquei sem minha mãe.

### 2.3 SINHOZINHO COMO FICÇÃO

A partir da leitura das entrevistas é possível compreender a narrativa do Sinhozinho dentro da morfologia proposta por Vladimir Propp, seguido por Claude Bremond. Ambos autores que contribuíram para a consolidação da teoria da narrativa sob a perspectiva estruturalista no início do Século XX.

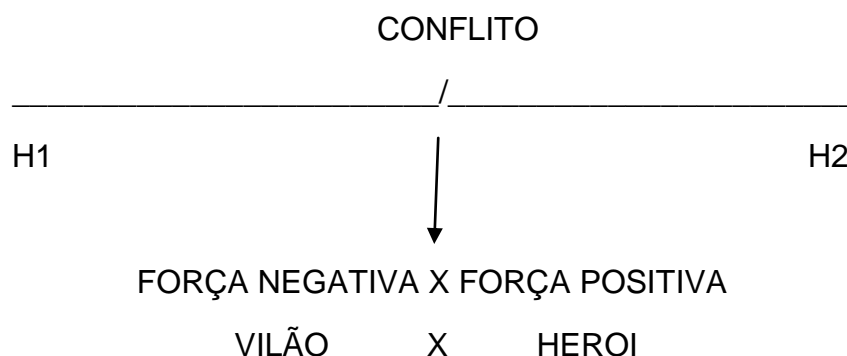
Propp, em seu estudo sobre a *morfologia do conto*, publicado pela primeira vez em 1928, propõe uma ideia essencialista de narrativa que ficou conhecida como a lógica da reparação do dano. Vladimir Propp (2006, p.25) realizou seu estudo com base em um *corpus* composto de apenas 100 narrativas: os contos 50-151 da coletânea *Contos de fadas russos* (1855-1863) publicada por Aleksandr Afanássiev (1826-1871), em 8 volumes, com um total de 600 contos.

Segundo o próprio Propp, o seu estudo embasava-se em narrativas que ele chamou de contos de magia

Do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia a todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano (A) ou de uma carência (a) e passando por funções intermediárias, termina com o casamento ( $W^0$ ) ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa (F), a obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano (K), o salvamento da perseguição (Rs), etc. A este desenvolvimento damos o nome de sequência. A cada novo dano ou prejuízo, a cada nova carência,

origina-se uma nova sequência. Um conto pode compreender várias sequências e quando se analisa um texto deve-se determinar, em primeiro lugar, de quantas sequências esse texto se compõe. Uma sequência pode vir imediatamente após a outra, mas também podem aparecer entrelaçadas, como se se detivessem para permitir que outra sequência se intercale. Isolar uma sequência nem sempre é fácil, mas sempre é possível fazê-lo com absoluta precisão (PROPP, 2006, p. 90).

Em acordo com a divisão de contos por sequência, podemos entender, em um primeiro plano, *A lenda do sinhozinho* como uma sequência narrativa que segue a lógica da reparação do dano. Numa linha contínua, a narrativa inicia-se em um ponto de harmonia (H1) e segue até o ponto final que reforçará a harmonia (H2). No intervalo entre H1 e H2 haverá o conflito, operado pela disputa de Forças Negativas x Forças Positivas, de um lado o vilão e de outro o herói, personagem com qualidades suficientes para reparar o dano e reestabelecer a harmonia. Num esquema podemos ver o seguinte:



Seguindo essa lógica, toda narrativa é compreendida como um modo de ensinar a resolver problemas, seja coletivo ou individual. A narrativa do Sinhozinho parece se encaixar dentro dessa lógica. A partir do conteúdo da narração nas entrevistas, os eventos e o processo de produção da história parecem apresentar um estado anterior de aparente harmonia, seguida do conflito entre a figura misteriosa do Sinhozinho e os comerciantes

farmacêuticos da cidade de Bonito, responsáveis, segundo os relatos, por matarem Sinhozinho.

Todavia, a grande ambiguidade é que a lógica narrada é invertida, pois a Harmonia primeira (H1) era a dos comerciantes. O dano se estabelece quando surge a figura de Sinhozinho, gerando o conflito. Após a sua morte, a harmonia se reestabelece. A grande questão da narrativa é a inversão dos valores e a tensão que a personagem Sinhozinho representa, pois como vimos nos relatos dos entrevistados, Sinhozinho é visto como Herói, mas um herói que opera a lógica do dano. Nesse sentido, a narrativa está em um posicionamento invertido com relação à morfologia de Propp.

Neste ponto, o trabalho percorre a história do ponto de vista da narratologia concentrada na análise da história como forma de representar a história e é, acima de tudo, um estudo formal. No entanto, quando os ouvintes ou os leitores habituais enfrentam uma história, eles fixam sua atenção especialmente na história narrada, que é o que os atrai, levando a história para um outro campo.

Eles raramente se interessarão pela forma do texto, a menos que sejam especialistas, e um dos aspectos que realmente interessa e intriga os ouvintes e leitores é o caráter fictício ou histórico, real ou místico dos eventos que são narrados, ou seja, se a história é ficção ou se aconteceu no mundo real.

Se pensarmos no campo mitológico, assim como preconizou Roland Barthes:

O mito deve ser tomado efetivamente numa teoria geral da linguagem, da escritura, do significante, e essa teoria, apoiada nas formulações da etnologia, da psicanálise, da semiologia e da análise ideológica, deve alargar o seu objetivo até a *frase*, ou melhor, até as *frases*; quero dizer com isso que o mítico está presente em todo o lugar onde *se façam frases*, onde *se contem histórias* (em todos os sentidos das duas expressões): da linguagem interior à conversação, do artigo de imprensa ao sermão político, do romance à imagem publicitária – toda fala que possa ser coberta pelo conceito de *Imaginário* Lacaniano (BARTHES, 2012, p. 80 grifos no original).

Nesse sentido, cabe pensarmos na poética do causos. Se estendermos o *Imaginário* cultural e narrativos dos Pantanaís até a região de Bonito, devemos concordar com Albana Xavier quando diz que “desvendar a face humana dos pantanaís requer, também, o adentramento na atmosfera mágica dos ‘causos’, dos mitos, das lendas que habitam as mentes dos autênticos pantaneiros (NOGUEIRA, 2002, p. 139). Nesse ponto, as fantasias dos entrevistados pertencem a eles da mesma maneira que seu próprio ser e sua vida cotidiana, e é por isso que se duvida que há tanto pura ficção quanto pura não-ficção, mas este é um problema sobre o qual muito foi escrito, talvez porque tenha sido abordado a partir de perspectivas muito distantes.

Essa aproximação pode ser justificada pelo que afirma Ricardo Câmara em seu estudos sobre a poética dos causos no Pantanal:

O caso pantaneiro não abrange apenas as terras do Pantanal. O deslocamento dos homens e mulheres, que saem em busca de melhores condições de sobrevivência, e os trabalhadores externos, que vão à região prestar serviços, fazem com que as narrativas viajem por pequenas e grandes cidades e encontrem os mais diversos tipos de ouvintes, os quais, invariavelmente, surpreendem-se com o universo mítico da planície inundável (CÂMARA, 2012, p. 18).

Compreender a narrativa do Sinhozinho como caso é levar em conta que os causos

expressam a condição do pantaneiro em seu modo de viver e agir. Contando as façanhas do dia-adia e os fenômenos que permeiam a imaginação, os homens e mulheres do Pantanal recorrem a um ‘grande texto narrativo’, trazem-no para a sua realidade e constroem um ambiente onde se fazem incluídos” (CÂMARA, 2012, p. 17).

A noção usual de ficção, tanto na literatura quanto nas artes visuais, tem sido baseada na *mimesis*, razão pela qual a ficção é considerada imitação ou simulação da realidade, e sua verossimilhança interna, que não é uma correspondência entre a imagem ou texto e seu referente, o que seria uma verdadeira relação que historicamente concordar com a narrativa, mas uma

relação de texto ou imagem, por isso, a sociedade aceita como verdadeira; a verossimilhança e a ficção, portanto, dependerá do período histórico e da situação.

O conhecimento simbólico presente não é conhecimento sobre o mundo, mas sobre memórias e palavras que não foram submetidos a qualquer verificação, porque agem inconscientemente sobre o assunto onde os entrevistados acreditam que parte de seu conhecimento enciclopédico, que lida com o mundo onde este conhecimento parece ser verdade, é a chamada crença.

Para os entrevistados essa crença é verdadeira sem necessidade de qualquer tipo de justificativa ou explicação e a lenda é aceita pelo seu valor aparente enquanto se acredita, sem dúvidas ou reticências.

Quando alguém começa a pensar em explicações, quando o simbolismo começa a ser consciente, quando a verdade de uma crença é colocada em questão e precisa ser justificada, então ela deixa de agir como crença e se torna uma figura, isto é, uma ficção; neste caso, não é confrontado com a realidade porque o receptor aceita desde o início que não pertence ao mundo real, mas ao da ficção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia visa contribuir com a literatura tendo em vista que as lendas são importantes para a manutenção da sociedade, as mesmas contêm valor como literatura, oferecendo temas eternos e universais. Estes fornecem uma visão de outros tempos e lugares que ajudam a ver o quanto a humanidade tinha e tem em comum.

Os temas das lendas são os mesmos que estão presentes em toda grande literatura, apenas alguns deles são homem versus homem, homem versus natureza, homem versus os deuses, o homem em uma busca, o conflito familiar e a maioria entre outros, e até mesmo parcialmente a arte da beleza e da criatividade dessas histórias, por si só, as tornam dignas e enriquecem o estudo da literatura na atualidade em suas raízes mais antigas.

Cada cultura tem sua própria lenda, e no presente caso foi debatido o Mito do Sinhozinho, advindo da cidade de Bonito do Estado do Mato Grosso do Sul que conta a história de um velho frade que na década de 1940 pregou ensinamentos religiosos e espirituais na região, tendo inclusive abençoado, curado e cuidado da região, este fato reflete a própria cultura da cidade considerada ética, significativa e central em suas ideologias.

A partir destas lendas pode-se extrair os pilares e origens sociais nos quais a mesma consegue identificar onde chegou, e entender o mundo natural ao seu redor tendo ansiado por alguma divindade a qual possam elogiar e culpar, e nesse sentido, as lendas devem fazer parte da leitura, e nunca serem descartadas como primitivas, desatualizados ou sem importância.

Por fim, valendo-nos das histórias coletadas e dos registros públicos, analisar-se-á a produção da *Lenda do Sinhozinho* a fim de entendê-la como um dos casos das crenças tradicionais de literatura sul-mato-grossense. Enfim acreditamos que uma pesquisa dessa natureza além de valorizar a cultura popular, nos proporciona resgatar a cultura para que as próximas gerações, embora vivendo em tempos diferentes, sejam capazes de conservar e manter sua cultura em diálogo com a tradição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. I. de; QUEIROZ, S. **Na captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil.** Belo Horizonte, MG: Autêntica; FALE/UFMG, 2004.

AURÉLIO. **Dicionário eletrônico Aurélio (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira) - século XXI.** Versão integral do Novo Dicionário Aurélio – Século XXI. CD-Room.

ANTUNES, C. **Jogos para bem falar: homo sapiens, homo loquens.** 2. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004.

AZEVEDO, R. Prefácio. In: LISBOA, H. **Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil.** São Paulo: Peirópolis, 2002.

BAJARD, E. **Reconto: herança ou criação?** Prefácio. In: PATRINI, M. de L. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral.** São Paulo: Cortez, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, Firmínio de. **Senhorzinho o profeta.** Bonito: Pena Branca editora, 1988.

BENJAMIN, W. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia Grega.** Vol. 1. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.



BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CÂMARA, Ricardo Pieretti. **Os contadores de causos e a poética dos pantanais**. Campo Grande: Life Editora, 2012.

CARDOSO, C.J. **Da oralidade à escrita: a produção do texto narrativo no contexto escolar**. Cuiabá: UFMT/ INEP/ MEC, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A literatura oral no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1984.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da História cultural francesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

De CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FALCÃO, Theodorico Goes. **Amor, justiça e verdade**. 3. Ed. Bonito: s/e, 1982.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: UNESP, 2002.

HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1980.

LOPES, Sara Pereira. **Diz isso cantando: A Vocalidade Poética e o Modelo Brasileiro.** Tese (Doutorado em Arte) - EGA - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

MACHADO, R. **Acordais – fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MORAES, Paulo Eduardo Benites. **Língua e Discurso nas crenças sul-pantaneiras: um itinerário.** INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 5, Edição número 23, Março/Setembro 2016.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral.** São Paulo: Cortez, 2005.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso.** Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SILVA, M.B.C. **Contar histórias: uma arte sem idade.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ZAMUNER, J. A. **Tradição oral e literatura acadêmica: a recuperação do narrador.** In: BOSI, V. (Org.). **Ficções: leitores e leituras.** Cotia, São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval.** Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

# **ANEXOS**



**Figura 1**



**Figura 2**



**Figura 3**



**Figura 4**



**Quadro ilustrativo da figura de Sinhozinho**



**Roupa que Sinhozinho usava**





**Capela do Sinhozinho em 2018**



**Parte interna da capela do Sinhozinho**



**Romaria do Sinhozinho**



**Dia 12 de outubro na capelinha do Sinozinho**